Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO MUSICAL NA FUNDARTE

EPISTEMOLOGY OF MUSIC EDUCATION AT FUNDARTE

EPISTEMOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN MUSICAL EN FUNDARTE

Bruno Felix da Costa Almeida
Fundação Municipal de Artes de Montenegro – FUNDARTE, Montenegro/RS, Brasil

Resumo

O artigo apresenta um recorte da Tese de Doutorado em Educação desenvolvida junto à Linha de Pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação e ao Grupo de Pesquisa “Estudos Poéticos: Educação e Linguagem” (UNISC/CNPq), com o objetivo de interrogar a Epistemologia da Educação Musical na Fundação Municipal de Artes de Montenegro – Fundarte. É conduzida pelo questionamento: como se constitui a Epistemologia da Educação Musical na Fundarte? O seu desenvolvimento se justificou diante das possibilidades de (retro)interações entre a Educação e a Educação Musical, as quais puderam corroborar a compreensão sobre o conhecimento por meio da Educação em arte, por parte de todos que se permitiram (com)viver no contexto do Curso Básico da Fundarte (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) – entre os anos de 1973 e 2023. A fundamentação teórico-reflexiva é proposta a partir dos campos da Complexidade do Conhecimento, da Educação e da Educação Musical. Os procedimentos adotados para a sua realização foram conduzidos por meio da Metodologia Complexa, configurada pelo Método teórico-reflexivo-complexo, que incluiu os processos de leitura, interpretação, interação e (re)organização dos conhecimentos transformados em linguagem-escrita, os quais resultaram nas Cartas Narrativas-Acadêmicas que compuseram o estudo. Assim, compreende-se que a Epistemologia da Educação Musical está para a sua provisoriedade no tempo – à mercê das informações que a circunscrevem neste estudo – na conexão com as Artes Visuais, com a Dança e com o Teatro, em um contexto de (com)vivência que proporciona o transitar entre as artes em um único espaço, em um único tempo de existência.

Palavras-chave: Epistemologia Complexa da Educação Musical; Carta Narrativa-Acadêmica; Fundarte.

Abstract

The article presents an excerpt from the Doctoral Thesis in Education developed with the Research Line Language, Intercultural Experience and Education and the Research Group "Poetic Studies: Education and Language" (UNISC/CNPq), with

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

the objective of questioning the Epistemology of Music Education at the Fundação Municipal de Artes de Montenegro – Fundarte. It is driven by the question: how is the Epistemology of Music Education constituted at Fundarte? Its development was justified by the possibilities of (retro)interactions between Education and Music Education, which could corroborate the understanding of knowledge through Art Education, by all who allowed themselves to live in the context of Fundarte's Basic Course (Visual Arts, Dance, Music and Theater) – between the years 1973 and 2023. The theoretical-reflective foundation is proposed from the fields of Complexity of Knowledge, Education and Music Education. The procedures adopted for its realization were conducted through the Complex Methodology, configured by the Theoretical-Reflective-Complex Method, which included the processes of reading, interpretation, interaction and (re)organization of knowledge transformed into written language, which resulted in the Narrative-Academic Letters that composed the study. Thus, it is understood that the Epistemology of Music Education is for its provisionality in time – at the mercy of the information that circumscribes it in this study – in the connection with the Visual Arts, with Dance and with Theater, in a context of (com)experience that provides the transit between the arts in a single space, in a single time of existence.

Keywords: Complex Epistemology of Music Education; Narrative-Academic Letter; Fundarte.

Resumen

El artículo presenta un fragmento de la Tesis Doctoral en Educación desarrollada con la Línea de Investigación Lenguaje, Experiencia Intercultural y Educación y el Grupo de Investigación "Estudios Poéticos: Educación y Lenguaje" (UNISC/CNPq), con el objetivo de cuestionar la Epistemología de la Educación Musical en la Fundação Municipal de Artes de Montenegro – Fundarte. Es impulsada por la pregunta: ¿cómo se constituye la Epistemología de la Educación Musical en Fundarte? Su desarrollo se justificó por las posibilidades de (retro)interacciones entre la Educación y la Educación Musical, que pudieron corroborar la comprensión del conocimiento a través de la Educación Artística, por parte de todos los que se permitieron vivir en el contexto del Curso Básico de Fundarte (Artes Visuales, Danza, Música y Teatro) – entre los años 1973 y 2023. La fundamentación teórico-reflexiva se propone desde los campos de la Complejidad del Conocimiento, la Educación y la Educación Musical. Los procedimientos adoptados para su realización se llevaron a cabo a través de la Metodología Compleja, configurada por el Método Teórico-Reflexivo-Complejo, que incluyó los procesos de lectura, interpretación, interacción y (re)organización del conocimiento transformado en lenguaje escrito, lo que dio como resultado las Cartas Narrativas-Académicas que compusieron el estudio. Así, se entiende que la Epistemología de la Educación Musical está por su provisionalidad en el tiempo -a merced de la información que la circunscribe en este estudio- en la conexión con las Artes Visuales, con la Danza y con el Teatro, en un contexto de (com)experiencia que

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

proporciona el tránsito entre las artes en un solo espacio, en un solo tiempo de existencia.

Palabras clave: Epistemología compleja de la educación musical; Carta Narrativa-Académica; Fundarte.

Introdução

A complexidade imbricada no começar está para além de discorrer sobre uma determinada temática que provoca e mobiliza à continuidade das buscas pessoal e acadêmica incessantes sobre conhecer, sobre saber. Ela permite que teçamos teias e conexões com tudo o que nos constitui. Por isso, a complexidade a que me refiro está em mim e em ti e em nós e na pesquisa que falo e que fala de mim e que pode falar contigo (se por ela se sentir mobilizado).

Nesta relação, provocado por leituras, escritas, encontros e descobertas, apresento, no escopo deste texto, um recorte da Tese de Doutorado em Educação desenvolvida junto à Linha de Pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação e ao Grupo de Pesquisa “Estudos Poéticos: Educação e Linguagem” (UNISC/CNPq), que objetivou interrogar a Epistemologia da Educação Musical na Fundação Municipal de Artes de Montenegro – Fundarte.

O estudo foi conduzido pelo questionamento: como se constitui a Epistemologia da Educação Musical na Fundarte? E se justificou diante das possibilidades de (retro)interações entre a Educação e a Educação Musical, as quais puderam corroborar a compreensão sobre o conhecimento por meio da Educação em arte, por parte dos sujeito-indivíduos que se permitiram (com)viver no contexto do Curso Básico da Fundarte (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) – entre os anos de 1973 e 2023.

Os procedimentos adotados para a sua realização se constituíram por meio da Metodologia Complexa, configurada pelo Método teórico-reflexivo-complexo, que incluiu os processos de leitura, interpretação, interação e (re)organização dos conhecimentos transformados em linguagem-escrita, os quais resultaram nas Cartas Narrativas-Acadêmicas que compuseram o estudo.

A fundamentação teórico-reflexiva foi proposta a partir dos campos da Complexidade do Conhecimento, da Educação e da Educação Musical, a qual

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

subsidiou, a partir das Cartas Narrativas escritas por professores, estudantes e colaboradores que (com)viveram ao contexto da Fundarte, a interpretação sobre as (re)ações do ensino em arte na instituição.

Assim, apresento por meio das seções denominadas como “Carta” um recorte do estudo desenvolvido, ao que se trata da apresentação da Fundarte; da metodologia investigativa utilizada; dos conceitos empregados sobre os campos da complexidade, da educação e da música, os quais fundamentaram a pesquisa; algumas das Cartas Narrativas que subsidiam a reflexão desenvolvida; e, por fim, sobre as ligações e sentidos à Epistemologia da Educação Musical na Fundarte.

Primeira Carta – A Fundarte

Morin (2011b, p. 25) explica que as ideias surgem dos mais diversos lugares e estão relacionadas à cultura e ao “espírito/cérebro”, agindo e retroagindo, a fim de modelar as estruturas inerentes à cognição humana, produzindo e coproduzindo conhecimento. Diante dessa relação, intensificam-se as possibilidades de transformar, transformar-se e desenvolver-se, junto e por meio de conhecimentos em Educação e em Educação Musical nos espaços e tempos de (com)vivências da Fundarte, instituição que me acolhe junto ao seu corpo docente da Área de Música.

A Fundarte está localizada na cidade sul-rio-grandense de Montenegro, região metropolitana da capital Porto Alegre, e atribui ao município o título de “Cidade das Artes”[1]. Faz-se presente, ininterruptamente, desde o dia 7 de junho de 1973, a partir da reabertura do Conservatório de Música de Montenegro.

A nova proposta de reabertura do Conservatório se deu por iniciativa do prefeito Roberto Atayde Cardona, de posse da Prefeitura Municipal da cidade à época, em conjunto com a professora Therezinha Petry Cardona, que foi uma das responsáveis à proposição inicial de um espaço dedicado às artes na cidade.

Nesse sentido, a iniciativa do Conservatório de Música de Montenegro só se consolidou no ano de 1973, com a oferta dos cursos de piano e de teoria musical,

[1] De acordo com a Lei Ordinária nº 7.040, de 20 de abril de 2023, que “altera os artigos 1º e 2º da Lei nº 5.897, de 12 de março de 2014, que instituiu designação distintiva para o Município de Montenegro”, a cidade possui a “designação distintiva de ‘Montenegro Cidade das Artes, Capital do Tanino, da Citricultura Gaúcha e Berço da Bergamota Montenegrina’” (Montenegro, 2023).

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

os quais foram organizados em quatro salas do antigo presídio municipal da cidade. A sua sede própria só foi constituída anos mais tarde, em 1981, quando o Conservatório passou a integrar o complexo intitulado Centro Cultural de Montenegro, localizado junto à Biblioteca Pública e ao Teatro Municipal da cidade. A denominação da instituição como Fundarte se deu no ano de 1984, tornando-se uma fundação pública de direito privado, que não visa a fins lucrativos.

O objetivo da instituição se constitui enquanto uma Escola de Arte, a qual vem se destacando com o passar das décadas com a difusão do acesso e do desenvolvimento artístico regional, por meio de seus cursos intitulados como Curso Básico[2]. Em seu formato como fundação, passou a contemplar, para além do acesso educacional à música, o ensino e a pesquisa voltados às Artes Visuais, à Dança e ao Teatro, ofertando, assim, à Montenegro e região, o aprendizado nas quatro áreas artísticas, destinado a estudantes a partir dos 3 anos de idade.

A partir desta breve contextualização, sobre a implementação da Fundarte[3], conduzo-me às relações que me propus estabelecer junto à ciência, enquanto uma possibilidade de aproximação, compreensão e desenvolvimento do conhecimento epistemológico educativo-musical vislumbrado.

Segunda Carta – A Ciência

A ciência é um dos possíveis caminhos que escolhemos para nos aproximarmos de algum conhecimento. É ela quem poderá subsidiar as investigações em busca de respostas e/ou mesmo de novos questionamentos. Talvez, seja ela quem poderá confirmar qual o melhor caminho a ser seguido, com vistas às descrições sobre determinados fatos e acontecimentos, por exemplo.

A investigação, portanto, proporciona ao investigador possibilidades de explorar, de questionar, de arriscar e de se aventurar na busca incessante do conhecimento, e, com isso, Morin (2019) alerta sobre a necessidade de o investigador despertar e se exprimir à postura que lhe compete.

[2] O Curso Básico da Fundarte é apresentado na publicação intitulada: “Programas do Curso Básico da Fundarte: Artes Visuais, Dança, Música, Teatro – (2019-2022)”, a qual relaciona a organização disciplinar dos cursos ofertados pela instituição (Hummes et al., 2019).
[3] Outros aspectos históricos sobre a Fundarte serão apresentados na Quarta Carta, relacionada neste texto.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Assim, método, metodologia e outras conexões são necessários para a elaboração de uma investigação na complexidade. Quando nos colocamos à realização de uma pesquisa, somos conduzidos ao questionamento: "como fazê-la"? Por conseguinte, são considerados possíveis procedimentos para desenvolvê-la, os quais podem ser denominados como metodologia.

No entanto, conforme corrobora Morin (2015d, p. 36), as "metodologias são guias a priori que programam as pesquisas", por outro lado, por método, compreende-se o que deriva de nosso percurso investigativo e contribui para as estratégias traçadas, tendo como objetivo "ajudar a pensar por si mesmo para responder ao desafio da complexidade dos problemas", o que, ao final, nos conduz à própria metodologia, enquanto conjunto dos procedimentos selecionados durante as vias percorridas.

Com isso, compreendi que, para a realização da investigação, foi importante a apropriação do método como auxílio à proposta de realização à reflexão teórica-científica, à medida que diferentes procedimentos foram sendo exigidos ao seu desenvolvimento, a depender das vias que emergiram, distanciando-se da necessidade de traçar caminhos apriorísticos à sua realização como um todo.

Nesse sentido, ao findá-la – diante do contexto incitado – os procedimentos considerados à realização da reflexão compuseram a metodologia utilizada, pois, como ressalta Morin (2015d, p. 36), "o método que nos guia na elaboração da epistemologia complexa é resultante desta"; portanto, só há metodologia ao final de um percurso, enquanto o método está à mercê das ações consideradas necessárias ao desenvolvimento processual reflexivo-investigativo.

Para conhecer o conhecimento do conhecimento, foi preciso ler e compreender sobre o próprio conhecimento, retroagir sobre ele e transformar em linguagem-escrita a reflexão desenvolvida. Para reconhecer as relações histórico-sociais da Fundarte, foi preciso (com)viver em seu contexto. Para interrogar o conhecimento do Conhecimento em Educação Musical na Fundarte, foi necessário vislumbrar durante o Percurso investigativo, algumas Ideias e Possibilidades. Quais?

Primeiro, foi necessário me aproximar ao campo teórico-científico da complexidade, considerando alguns estudos desenvolvidos pelo autor Edgar

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Morin, em busca de compreensões sobre o desenvolvimento da ciência, bem como à quebra de paradigmas ao desenvolvimento do conhecimento teórico-científico.

Em seguida, interrogações acerca do conhecimento, considerando as proposições do autor Edgar Morin sobre a epistemologia complexa e o conhecimento, conduzi-me ao caminho da leitura reflexiva quanto a tais aspectos, com vistas à elaboração textual a respeito das possibilidades de se conhecer mais sobre o que já conheço, no entanto, interrogando o próprio conhecimento em busca de novos conhecimentos em relação a ele mesmo.

Tais interrogações me direcionaram ao estudo teórico-reflexivo em Educação, Música e Educação Musical. É neste momento do estudo que me aproximei dos conhecimentos relacionados à Educação junto aos estudos realizados por Edgar Morin, ao passo que retomo os conhecimentos que desenvolvi durante o meu Mestrado em Educação[4], sobre a Música e a Educação Musical, os quais reestudei para (re)refletir os saberes que tenho e que me propus em progredir.

Por sua vez, as Cartas Narrativas que propiciaram o conhecer sobre distintas relações estabelecidas por sujeito-indivíduos que (com)viveram na Fundarte, por meio dos cursos de Artes Visuais, Dança, Música e/ou Teatro, emergiram do desenvolvimento do Projeto de Pesquisa intitulado: “Cartas Narrativas: O que Eu (Com)Vivi na Fundarte”.

Esta proposição, foi implementada na articulação com o “Grupo de Pesquisa da Fundarte” (FUNDARTE/CNPq) e o Grupo de Pesquisa “Estudos Poéticos: Educação e Linguagem” (UNISC/CNPq), oportunizando o conhecer de distintas histórias, por meio de Cartas Narrativas[5].

Enquanto um desdobramento da Tese de Doutorado em Educação, o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa foi proposto considerando o seguinte questionamento: que histórias podem ser contadas por aqueles que (com)viveram através da arte na Fundarte? O seu Objetivo Geral incidiu em: conhecer, por meio

[4] Os conhecimentos mencionados relacionam-se à Dissertação de Mestrado em Educação intitulada: “Do Texto ao Contexto, Da Imagem ao Som: Uma Proposta Histórico-Política para a Elaboração de um Currículo em Educação Musical”, de minha autoria. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1uveGlpIlizqQVkJ9dNMgPDAm6AtiJxTc/view.

[5] A proposta, na íntegra, do Projeto de Pesquisa intitulado: “Cartas Narrativas: o que eu (com)vivi na Fundarte” (Almeida, 2021) foi publicada nos Anais do 27º Seminário Nacional de Arte e Educação, da FUNDARTE. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/989/1097.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

das Cartas Narrativas histórias que foram transversalizadas pelas artes na Fundarte, na interlocução-escrita de professores, colaboradores e estudantes que se fizeram presentes em diferentes tempos e espaços de (com)vivência na instituição.

O Projeto de Pesquisa foi desenvolvido durante o período compreendido entre outubro de 2021 e maio de 2023. Ao todo, foram convidados – por e-mails, redes sociais, aplicativos de mensagens e carta-convite – 150 participantes à escrita das Cartas Narrativas. Desses, 39 participantes retornaram com as suas cartas, encaminhadas por e-mail (versão digital) ou entregues pessoalmente para um dos membros do Grupo de Pesquisa da Fundarte (versão manuscrita), sendo que algumas delas incluíram imagens (fotografias), para além do texto.

Após a coleta e organização das Cartas Narrativas em ordem alfabética, considerando o nome de seus autores, foi realizada a sua edição, com vistas à elaboração do Caderno Digital, o qual foi publicado pela Editora da Fundarte e intitulado com o mesmo nome do projeto que deu a sua origem: “CARTAS NARRATIVAS: O que eu (Com)Vivi na Fundarte”[6], de minha organização, em parceria com as autoras Márcia Pessoa Dal Bello e Júlia Maria Hummes.

Nesse sentido, ao realizar a publicação das cartas, como um Caderno Digital, considerei a possibilidade, a partir de sua leitura, de conhecer as histórias narradas e algumas das concepções em Arte, nas áreas de estudos contempladas pela Fundação (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro), a partir da narrativa daqueles que puderam convivê-las em seus distintos tempos e espaços de existência na Fundarte.

Diante desse contexto, foi possível estabelecer conexões junto ao pensamento complexo desenvolvido às relações que tenho com a Educação, com a Música e com a Educação Musical, interrogando a Epistemologia da Educação Musical na Fundarte.

Para nos aproximarmos um pouco mais à compreensão da Epistemologia da Educação Musical da Fundarte, apresento alguns aspectos dos conceitos que contribuíram ao processo de reflexão e interpretação dos conhecimentos em arte compartilhados por meio das Cartas Narrativas.

[6] O Caderno Digital “CARTAS NARRATIVAS: O que eu (Com)Vivi na Fundarte” (Almeida; Dal Bello; Hummes, 2023), publicado pela Editora da Fundarte, tem o seu acesso disponível pelo link: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/9786588330111/issue/view/98/138.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Terceira Carta – Os Conceitos

Aprendemos a viver pelas vias de nossas experiências. Vivemos a partir do que somos, a partir de como nos constituímos diante dos enfrentamentos ao nosso cotidiano, do enfrentamento às nossas ações como cidadãos, como humanos no mundo. Morin (2015a, p. 23-24) explica que tais vias que nos permitem aproximações com uma Educação que viabiliza "viver em sociedade" por meio da leitura, da escrita e do calcular, que nos oportuniza a cultura por meio das ciências natural, humana, literária e artística, não nos possibilitam o "errar e se iludir o menos possível, reconhecer fontes e causas de nossos erros e ilusões, procurar em qualquer ocasião um conhecimento o mais pertinente possível", também essenciais para o viver. E é a partir dessa ausência que conhecer o conhecimento se torna importante diante do viver.

Viver é estar em constante enfrentamento aos riscos de erros, de ilusões, de escolhas, de decisões; viver implica agirmos, desenvolvermos ações que nos permitam aventuras às incertezas, às crises, ao convívio com a família e com os outros, com o desconhecido, com as necessidades implícitas em compreender, em se compreender e em ser compreendido; viver implica diferentes dimensões que nos permitem ser e compreender a nossa condição humana no mundo (Morin, 2015a).

O viver implica a diferentes conexões que podemos estabelecer com diferentes saberes: saberes práticos, saberes técnicos, saberes materiais, saberes para sobreviver, saberes para compreender e nos compreender. Para isso, a educação destinada para o viver pode contemplar estímulos "a autonomia e a liberdade do espírito" (Morin, 2015a, p. 51).

Em complementação, Morin (2017) nos explica que o conhecimento só pode ser reconhecido como tal quando inserido à sua contextualização, ou seja, quando as informações inerentes a ele estão relacionadas, organizadas e integradas em seu contexto. Esse fato, muitas vezes negligenciado pelo ensino, isola e compartimentaliza os saberes, inviabilizando articulações entre eles.

Ainda que tenhamos aptidão para conectar – religar – os saberes para compor um conhecimento, o problema do ensino incide justamente na necessidade

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

de desenvolvimento dessa habilidade, propor e desenvolver mais detidamente a capacidade de conectar e localizar os conhecimentos em seu contexto de emergência.

Para o autor, é a história que viabiliza, ao seu campo de conhecimento, a integração das dimensões econômicas e antropológicas, bem como a mobilização das culturas científicas e das humanidades ao processo contínuo e diversificado para o ensino, e, contudo, responde aos desafios complexos “na vida quotidiana, social, política, nacional e mundial”, pertinentes a uma cabeça bem-feita (Morin, 2017, p. 33).

É na compreensão sobre as ideias e as visões de mundo em sentido discursivo, seja a partir do meu discurso e/ou do outro, que se encontra a iminente ameaça aos seus princípios; assim, é, também na compreensão humana subjetiva, que é irredutível e “meio e fim da comunicação humana”, e na compreensão humana intersubjetiva das relações empáticas, que a compreensão se constitui presente na educação, ou seja, “a compreensão humana exige compreensão, mas exige também, e sobretudo, compreender o que o outro vive”; e, em complementação, “compreender é compreender as motivações, situar tudo no contexto e no complexo” (Morin, 2015a, p. 80-81).

A nossa condição humana está na linguagem, o que nos permite estabelecer a comunicação. “A linguagem existe como primeira necessidade de comunicação em toda sociedade humana”; além disso, concerne a características inerentes à vida, tais como a evolução e a metamorfose, podendo se ramificar ao prosaico, “de função utilitária” e ao poético, em um sentido ligado à criação que viabiliza emoções estéticas (Morin, 2020, p. 63). Por meio da linguagem, também, aprendemos a viver.

Saber viver, saber compreender e, principalmente, compreender a Si mesmo, tornam-se os primeiros desafios imbricados a essa tarefa de escrever algo que não acaba aqui; muito pelo contrário, é neste lugar de escrita, a partir do contexto reflexivo, que pude encontrar possiblidades às conexões para um devir educativo e educativo-musical.

Reconheço que a Música está presente no cotidiano de qualquer indivíduo-sujeito que escuta e/ou sente sensivelmente as produções musicais (as músicas), por exemplo: de sua banda favorita, que aprecia a apresentação musical, o

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

concerto, os sons do ambiente que o cerca; ou seja, que aprecia, a partir de sua sensibilidade perceptiva, todo o tipo de encontro do humano com a Música em seu viver, quer seja por meio de sua audição e para além dela, por meio de sua percepção aos sons produzidos no mundo e com o mundo.

Entendo a Educação Musical como o encontro da Educação à Música que, complexificada filosoficamente, remete ao encontro do humano – do encontro de sujeito-indivíduos – para o ensino e o aprendizado da própria Música. Entendo-a, assim como a Música, enquanto encontros. Entendo-a enquanto conexões que se estabelecem entre o humano, a cultura, a sociedade, a história, a biologia, a física, dentre outras áreas que pudermos atribuir ao nosso encontro no e para com o mundo, destinado ao fazer-aprender-conhecer-ensinar musical. É na culminância desses encontros, por meio de nossas percepções, de nossas sensibilidades, de nossa espiritualidade que a Música emerge – que a Música acontece momentaneamente, frente às ações educativo-musicais.

Ao reconhecer essas considerações sobre a Música e a Educação Musical que, diga-se de passagem, estão longe de serem consideradas enquanto uma verdade, enquanto certezas aos conhecimentos inerentes a elas, esclareço que tais considerações são, nesses tempo e espaço em que vivo – Sendo músico-docente-pesquisador[7] –, emergências reflexivas sobre os conhecimentos relacionados à Música, à Educação e à Educação Musical.

A Educação Musical, na complexidade, está longe de ser um campo de conhecimento fechado, pois é esse reconhecer que a coloca em um devir. A Educação Musical está aberta à complexidade que podemos estabelecer com o conhecimento que conhecemos sobre ela em articulação com o conhecimento que nos constitui, e com o conhecimento que buscamos sobre o próprio conhecimento voltado à ação educativo-musical.

Permite-nos reconhecer a importância da ordem, da desordem, da interação e da organização para o conhecimento complexo. Permite-nos reconhecer que,

[7] O termo “músico-docente-pesquisador” emerge da relação proposta por meio das conexões conceituais que refletiram o pensamento complexo desenvolvido durante o estudo, ou seja, relaciona-se, ao mesmo tempo que se interroga o próprio conhecimento, ao meu contexto formativo como músico, como docente do ensino da música e, por fim, como pesquisador, enquanto integrações a um Eu que se constitui diante das distintas conexões estabelecidas para conhecer o conhecimento em Educação Musical.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

para além de todas as reflexões possíveis de serem incitadas e de todos os conhecimentos que por ela poderão emergir, estamos sujeitos aos riscos de erros, de ilusões, de incertezas e da não-razão.

Nesse sentido, proponho-me a algumas reflexões complementares que corroboram esse pensamento educativo-musical que descrevo, apresentando e metamorfoseando Os Pilares da Educação para a Educação Musical e alguns dos Usos e Funções da Educação Musical, os quais emergiram durante as reflexões oriundas de meu Mestrado em Educação e, portanto, entendidas como importantes ao contexto reflexivo desenvolvido.

Oriundo de estudos sobre "Os Quatro Pilares da Educação" de Delors e colaboradores (1996), o conceito sobre "Os Pilares da Educação para a Educação Musical" (Almeida, 2019) configura-se em: Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a viver junto e Aprender a conviver, e Aprender a ser.

> Aprender a conhecer enquanto proposta de exposição do sujeito às diferentes culturas musicais existentes, quer seja através da história, da experienciação, da experimentação e da apreciação musical, da busca por conhecimentos sobre as diversidades musico-culturais e sociais em tempos e espaços distintos, junto ao desenvolvimento educacional escolar e ao que extrapola as redes formais de ensino e aprendizado, pode ser pertinente às vivências e à vida.
>
> O **Aprender a fazer** em Educação Musical, por sua vez, pode viabilizar a inter(ação) do sujeito com os diversos materiais que, antes, foram conhecidos e que em determinado tempo poderão ser explorados e manuseados em favorecimento do ato de compor musicalmente, explorando as possibilidades de criação, de feitura através da transformação e influência cultural adquirida no decorrer do ensino e da experiência vivenciadas no decorrer da vida.
>
> Já o **Aprender a viver junto e Aprender a conviver** podem ser transpostos para a proposta em Educação Musical como meio de interação e cooperação social, com vistas ao desenvolvimento do respeito às diferenças, das mais diversas culturas e sociedades, às mais diversas formas de ver e conviver e, principalmente, de se autoconhecer diante das singularidades existentes ao longo da existência da vida no planeta em convívio com as manifestações musicais. A solidariedade e a integração podem permear as atividades que estimulem a vivência em música e para com a música, enquanto elemento sociocultural identitário de cada povo.
>
> Por fim, **Aprender a ser**, diante da perspectiva proposta em Educação Musical, pode levar à essência individual e coletiva de cada indivíduo. O Ser pode ser múltiplo e singular, pode ser entendido enquanto objeto de construção ao longo de todo o viver. Pode ser o elemento que integra o sensível, o espiritual, o corpo. Pode, ainda, na integralidade e na permuta de conhecimentos entre a educação e a música, integralizar-se para o viver, para o estar no planeta sabendo fazer uso de seus conhecimentos para promover a Educação para a paz (Almeida, 2019, p. 30-31, grifo nosso).

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Em ampliação aos Pilares da Educação para a Educação Musical, relaciono alguns dos "Usos e Funções da Educação Musical" (Almeida, 2019), os quais são propostos a partir das reflexões sobre "Os Usos e Funções da Música", de Merriam (1984).

Da proposta sobre os "Usos e Funções da Educação Musical" (Almeida, 2019), considero as Funções de Reação Física, Expressão Emocional, Prazer Estético, Comunicação, Entretenimento, Contribuição para a Comunidade e Estabilidade da Cultura, Contribuição para a Integração da Sociedade e Representação Simbólica, as quais incidem sobre a inserção docente em Música na Educação Básica, todavia, também consideradas importantes para essa reflexão sobre o conhecimento do conhecimento em Educação Musical na Fundarte.

> **Função de Reação Física**: Relaciona-se ao desenvolvimento propositivo de ações educativo-musicais que possam acarretar em reações transdisciplinares à Música. Deste modo, ao relacionar a Dança e o Teatro, por exemplo, na interação com a Música, pode-se viabilizar a expansão/intensificação de sensações corporais e de sentimentos dos sujeitos contemplados na ação educativa, através de atividades que integrem as linguagens artísticas e, também, outras linguagens que priorizem o conhecimento corporal e a imersão sobre os sentimentos que possam ser provocados na e através da Música.
>
> **Função de Expressão Emocional**: A expressão das emoções pode advir, tanto junto à ação de apreciar, quanto do ato de performar (apresentação musical). A relação do sujeito com a Música, com o instrumento musical e/ou com a voz, pode incitar sensações, sentimentos, estesia e fruição que exteriorizem as reações provocadas em propostas educativas que contemplem a Música em suas mais diversas formas (apreciação, criação, execução, literatura e técnica).
>
> **Função de Prazer Estético**: É a oportunidade de poder reconhecer, a partir dos conhecimentos educativo-musicais em que está apropriado, as singularidades implícitas nos mais diversos tipos e formas de músicas. Incide sobre a possibilidade de contemplação musical na interação entre o sujeito e a Música, considerando suas vivencias musicais, culturais, sociais, criativas, dentre outras que possam complementar a relação de conhecimento e reconhecimento da qualidade e do fazer musical.
>
> **Função de Comunicação**: A Música, quer seja instrumental e/ou vocal, pode viabilizar a comunicação de ideiais, de saberes, de sentimentos, de informações, etc. Pode transmitir conhecimentos culturais, sociais, educativos, como pode exprimir os resultados de um processo educativo-musical desenvolvido. Pode-se comunicar através do som e do silêncio, bem como na interlocução entre ambos.
>
> **Função de Entretenimento**: Pode incidir sobre o momento de socialização do processo educativo-musical. O entretenimento pode estar,

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> tanto no momento apreciativo, que também pode contemplar aprendizagens musicais significativas, se articulado a intenções ativas, quanto na apreciação de apresentações musicais e concertos, por exemplo.
>
> **Função de Contribuição para a Comunidade e Estabilidade da Cultura**: A educação musical pode favorecer os conhecimentos advindos das manifestações sociais e culturais de cada localidade, integrando e socializando conhecimentos folclóricos da cultura em que o sujeito está inserido, como de outras localidades, as quais poderão propiciar a ampliação e o desenvolvimento das relações entre a Música e os sujeitos imbricados na ação musical.
>
> **Função de Contribuição para a Integração da Sociedade**: A Música pode ser socializadora, auxiliando nas relações pessoais e interpessoais, quer sejam diante do contexto da comunidade local ou diante de outras culturas distintas. A integração músico-educacional poderá favorecer o conhecimento e o reconhecimento das diferenças, das particularidades sócio-culturais de todos que a compartilham.
>
> **Função de Representação Simbólica**: O significado da Educação Musical, as provocações que esta traz ao decorrer das vivências sócio-culturais podem ser representadas, simbolicamente, ao remeter-se aos usos das demais funções relacionadas, por exemplo. Pode viabilizar a sua relação/comparação com objetos, coisas, sentimentos, dentre outras formas simbólicas que remetam, no processo educativo-musical às lembranças pessoais e/ou coletivas (Almeida, 2019, p. 50-52, grifo do autor).

As reflexões apresentadas – "Os Pilares da Educação para a Educação Musical" e os "Usos e Funções da Educação Musical" (Almeida, 2019) – contribuem para a afirmação de que a Música é a culminância de ações, institucionalizadas e/ou autodidatas, de ensino e de aprendizagem musicais, ou seja, de ações educativo-musicais estabelecidas entre sujeito-indivíduos.

Diante desse contexto, aproximo alguns aspectos educativo-musicais propostos por Keith Swanwick – o qual aborda a relação do ensinar música musicalmente –, considerando que o ensinar musicalmente imbrica-nos em um conhecer a música musicalmente.

A Educação Musical está presente em nossas ações no mundo, no modo como nos colocamos à disposição da escuta de sons, no modo como produzimos sons e os reconhecemos enquanto uma ação de expressão sonoro-musical. E é nesse organizar das sonoridades que Swanwick (2003) considera a música como um discurso inerente ao humano.

Para ele, "como discurso, a música significativamente promove e enriquece nossa compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo", além de estar presente

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

em diferentes momentos da vida humana, desde momentos de celebrações comemorativas até mesmo ao contexto de morte, dentre outros (Swanwick, 2003, p. 18). É por meio dela que também podemos nos expressar, criar, sentir, comunicar, tornar artísticas as sensações e as percepções que nos integralizam humanamente.

A música é simbólica, "é um caminho de conhecimento, de pensamento, de sentimento"; é, também, metafórica, permitindo-nos "ver as coisas diferentemente, para pensar novas coisas" (Sawnwick, 2003, p. 23). É por meio de nossa escuta – e, complemento, por meio de nossa percepção à produção sonora – a qual implica estarmos atentos às sonoridades produzidas musicalmente, que os sons passam a ter e fazer sentido, que nos envolvemos em uma aproximação particular à interpretação daquilo que escutamos e sentimos.

A música informa e transforma em sentidos aquilo que escutamos. É essa experiência estética com a música, a qual nos aproxima e nos sensibiliza ao material sonoro, que nos coloca em fluxo intrínseco com essas reações/sensações humanas.

O fluxo configura "uma tentativa de descrever e avaliar aquelas experiências que parecem nos alcançar para fora das rotinas da vida e as quais temos chamado variadamente de transcendentais, espirituais, elevadas, 'epifânicas', sim e 'estéticas'" (Swanwick, 2003, p. 32-33). E, também, para além de tais considerações, a Música pode ser sentida de outros modos sensíveis, ao considerarmos os distintos modos de perceber os sons implícitos por pessoas com deficiência auditiva.

Como cultura, a música viabiliza a perpetuação dos conhecimentos de cada sociedade, integralizando seus costumes, saberes, crenças, religiosidades, modos de ser e viver. Nesse sentido, "a música não somente possui um papel na reprodução cultural e afirmação social, mas também potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social, a mudança" (Swanwick, 2003, p. 40). Logo, Swanwick (2003, p. 42) explica que "como todas as formas de discurso, a música liga o espaço entre indivíduos e entre diferentes grupos culturais".

Por mais que a Música reflita uma determinada historicidade, uma determinada cultura, e que, por meio delas a expressão musical possa se fazer

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

presente em diferentes contextos sociais e culturais, para além de um reflexo sociocultural, ela também está à mercê de uma interpretação culturalmente construída sobre ela mesma, e é aí que o ensino da Música desponta, “como um comprometimento com as tradições em um caminho vivo e criativo, em uma rede de conversações que possui muitos sotaque diferentes” (Swanwick, 2003, p. 46).

A prática educativo-musical é proposta por Swanwick (2003) a partir do modelo que inclui cinco atividades, denominado C(L)A(S)P – Composition, Literature Studies, Apreciation, Skills Acquisition e Performance – o qual foi traduzido pelas pesquisadoras Alda de Oliveira e Liane Hentschke como modelo (T)EC(L)A – Técnica, Execução, Composição, Literatura e Apreciação – as letras da sigla colocadas entre parênteses são consideradas como atividades secundárias, enquanto as demais são denominadas atividades primárias .

Ao considerar o modelo educativo-musical em sua proposição filosófica, apresenta-se, em primeiro, a Composição musical, que implica a improvisação e a criação com elementos/instrumentos musicais; seguido de os Estudos de literatura, os quais são os que subsidiam conhecimentos inerentes à linguagem musical, tais como sinais, termos, nomenclaturas, dentre outros; da Apreciação, que incide sobre a audição, a escuta atenta de músicas e materiais sonoros; da Técnica musical, que se relaciona à fluência do fazer musical, do domínio de execução do instrumento musical ao qual se dedica em explorar/aprender a tocar; e, por fim, da Performance, que é o momento destinado à apresentação musical.

A explanação sobre o modelo de Educação Musical proposto por Swanwick (2003) reflete algumas possibilidades que entendo como importantes à Educação Musical: uma Educação Musical que reconheça as diferenças, também as valoriza e as integra; que, ao considerar a música como discurso, reflete a cultura, a sociedade, a historicidade, os aspectos que a formam e a transformam junto e com o viver e o conviver do humano em sua inserção no mundo.

A Educação Musical contribui para a construção simbólica e metafórica por meio das ações educativo-musicais que propiciam experiências com os mais diversos materiais sonoros, com as mais diversas possibilidades de experienciar a própria música, estabelecendo diferentes conexões de conhecimentos e reconhecimentos de Si e do(s) outro(s), aprendendo a respeitar as singularidades diante das muitas pluralidades musicais existentes no mundo.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

A Educação Musical que contempla a criação, a escuta/apreciação, a apresentação do material sonoro-musical que outrora foi criado/produzido/estudado, que fomenta a leitura e a pesquisa de conhecimentos sobre a própria música e o fazer musical em suas mais diversas dimensões (histórica, social, dentre outras) e que, ainda, propicia o desenvolvimento e o aprimoramento desse fazer musical por meio da técnica, reconhecendo e respeitando as singularidades e as multiplicidades de Ser e de existir de cada um dos sujeito-indivíduos imbricados às suas ações educativo-musicais, reflete e contribui, também, para a concepção de Educação Musical que, nesses meus tempo e espaço de Ser músico-docente-pesquisador, considero pertinente.

É, portanto, a partir dos conhecimentos sobre o conhecimento em Educação, Música e Educação Musical, que me coloco em devir, em processo de me metamorfosear na e com a complexidade, para a busca da complexificação do conhecimento do conhecimento Educativo-musical na Fundarte.

Nesse sentido, apresento a seguir um recorte das Cartas Narrativas que compuseram o estudo. Para fins desta elaboração textual, relaciono as cartas que remontam alguns aspectos históricos, artísticos e, principalmente, educativo-musicais, compartilhados pelos sujeito-indivíduos que participaram da pesquisa por meio de suas escritas.

Quarta Carta – As Cartas Narrativas

Proponho-me (re)montar, nesta Carta, alguns aspectos da história social da Fundarte, em seus distintos tempos e espaços de existência. Tal ação se dá por meio das Cartas Narrativas escritas por professores, colaboradores e estudantes, em busca de uma contextualização dos acontecimentos e das ações educativas em artes desenvolvidas na instituição.

Ao realizar a leitura das 39 Cartas que integram a publicação “CARTAS NARRATIVAS: O que eu (Com)Vivi na Fundarte” (Almeida; Dal Bello; Hummes, 2023) foi possível conhecer algumas das concepções em arte, nas áreas de estudos contempladas pela Fundação (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro), além de selecionar fragmentos de algumas delas, para compor o escopo desta escrita.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Nesse sentido, os trechos selecionados das cartas são apresentados em itálico, mantendo a sua fidedignidade textual, seguido do nome de quem a escreveu e o número da página em que se localiza na referida publicação, ambos entre parênteses.

Para iniciar essa história, cabe relembrar que o ensino da Música na cidade de Montenegro teve seus primeiros indícios no ano de 1910 e, posteriormente, no ano de 1959, por meio do Conservatório de Música de Montenegro. Após um hiato nessas inciativas, somente em 1973 tal proposta artística foi retomada, dando início à instituição que hoje é conhecida como Fundação Municipal de Artes de Montenegro – Fundarte.

Sobre esse aspecto histórico, a Carta Narrativa de Júlia Maria Hummes – professora e ex-diretora executiva da Fundarte – remonta ao início da história da Fundação, revelando uma narrativa que perpassa, transversalmente, a sua história de vida e as suas contribuições ao reconhecimento da instituição como um espaço de referência em arte.

> *A história que conto inicia antes de 1973 quando o conservatório de Música de Montenegro ainda não existia. Eu e minha irmã estudávamos piano na casa da professora Renata Thomas e eventualmente ela promovia alguns recitais em sua casa ou no clube Riograndense. Em 1973 a turma da prof.ª Renata uniu-se a turma da professora Therezinha Petry Cardona e aí iniciou-se o Conservatório de Música que na verdade já existia em anos anteriores mas tinha se extinguindo.*
>
> *1973 marca o início desta caminhada da Fundarte que se torna Fundação Municipal de Artes de Montenegro em 1981 quando passou a integrar o prédio do Centro Cultural na Rua Capitão Porfírio 2141. Antes ficava em um prédio público em frente a Prefeitura Municipal, local onde outrora foi um presídio* (Júlia, p. 123).

Em continuidade ao contexto histórico, Maria Isabel Petry Kehrwald – professora e ex-diretora da Fundarte – destaca em sua Carta outras contribuições ao desenvolvimento da Fundação.

> *A FUNDARTE foi meu grande espaço de aprendizagem e ensinagem. Desde a minha cedência da Escola Estadual Técnica São João Batista de Montenegro, no final do ano de 1980, para implantar o Setor de Artes Plásticas junto ao Conservatório de Música e organizar sua instalação no novo prédio do Centro Cultural de Montenegro, em outubro de 1981, vi que ali era o meu lugar e havia um compromisso social a realizar. Fiz da FUNDARTE mais do que um local de trabalho; percebi com clareza que seria um projeto de vida no qual viveria intensamente.*

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> *Pude exercer minha criatividade e conceber ações que julgava importantes para nossa comunidade. Primeiro, dei aulas de cerâmica, logo depois implantei a Escolinha de Artes[8], as Oficinas de Artes, o Atelier de Arte sob orientação da professora/artista Loide Schwambach, o curso Adicional de Educação Artística em parceria com a FEEVALE/NH[9], voltado à formação de professores da região. Elaborei e também atuei em vários outros cursos e projetos no campo das artes visuais, entre os quais, as exposições de arte para dar visibilidade ao trabalho de professores, alunos e artistas convidados. A aproximação com a arte, torná-la acessível a todos os públicos, promover a apreciação estética e a leitura da imagem foram objetivos que nos impusemos a alcançar* (Maria Isabel, p. 175-176).

Como Fundação – Escola de Arte –, a Fundarte passou a contemplar, para além do acesso educacional voltado à música, o ensino e a pesquisa voltados às Artes Visuais, à Dança e ao Teatro, ofertando à Montenegro e região o aprendizado nas quatro áreas artísticas. A relação para com a comunidade local e artística propiciou distintas aproximações às artes por meio das ações promovidas, conforme destaca Maria Isabel Petry Kehrwald na continuidade de sua Carta.

> *Em 1987, com este espírito de avançar em nossas propostas, realizamos o primeiro salão de arte de caráter nacional; o Salão de Arte Cidade de Montenegro, durante o evento Festa&Festa. Outros ocorreram na sequência, até chegar ao Salão FUNDARTE de Arte 10x10, consolidado nacionalmente e que neste ano terá sua 8ª edição.*
>
> *Para valorizar a pesquisa e dar suporte aos projetos que estávamos realizando, criei o Grupo de Pesquisa da FUNDARTE, em 1992 [...] Outro Projeto que assumi junto com a equipe de professores do Setor, foi o Projeto Arte na Escola do Instituto Arte na Escola/Fundação Iochpe/SP, que tantos benefícios trouxe para a FUNDARTE e toda região, sobretudo no auxílio a eventos, na oferta de materiais educativos como a DVDteca, na qualificação dos professores e na divulgação da nossa proposta pedagógica. E cabe mencionar que duas vezes o Polo da FUNDARTE recebeu do Instituto, o Prêmio Nacional Arte na Escola Cidadã* (Maria Isabel, p. 177).

Um outro importante evento de fomento à produção artística-intelectual, oportunizado pela instituição, é o *Seminário Nacional de Arte e Educação da Fundarte*, que, no ano de 2023, realizou a sua 28ª edição, contribuindo para o desenvolvimento cultural, artístico, científico e intelectual de participantes de

[8] De acordo com Costa (2010, p. 12), o termo Escolinha de Arte remete a "sua célula-mater, a Escolinha de Arte do Brasil, cuja criação, em 1948 no Rio de Janeiro, marca o início da renovação da Arte-educação no período (pós-ditatorial, 1945) de redemocratização e de busca por processos de revitalização educacional no Brasil".

[9] A sigla FEEVALE/NH, mencionada na carta de Maria Isabel Petry Kehrwald, relaciona-se à Federação dos Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo – Universidade Feevale.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

diversas regiões do estado do Rio Grande do Sul e do país, por meio da comunicação de pesquisas, bem como da realização de palestras e oficinas temáticas às áreas da educação e da arte. A proposição desse evento é narrada por Maria Isabel Petry Kehrwald em sua Carta.

> *[...] tenho pra mim que a ideia de realizar um Seminário Nacional de Arte e Educação tenha sido a minha maior contribuição; pela abrangência internacional do evento, pela reconhecida qualidade dos palestrantes, pelo número expressivo de participantes até sua 27ª edição de 2021 e pela reverberação dos conhecimentos aqui construídos, nas escolas do nosso estado e do país. Planejei e coordenei 21 Seminários, todos inesquecíveis, ricos em vivências, debates, convivência teórica e afetiva e muita, muita alegria. [...] Os Anais dos Seminários de Arte e Educação, lançados de modo impresso e oferecidos aos participantes no dia da abertura do evento, era um feito inédito e serviu como embrião da Revista da FUNDARTE* (Maria Isabel, p. 178).

Diante desse contexto, no ano de 2001, foi criada a *Editora da Fundarte* pelo ex-professor e ex-diretor Gilberto Icle. Surgiu com vistas às publicações destinadas à educação e à arte, tendo, como principais publicações vinculadas, os *Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação da Fundarte*, a *Revista da Fundarte*, além de periódicos e livros.

Por sua vez, a *Revista da Fundarte* é integrada ao Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), e se dedica à publicação de estudos científicos, relacionados à arte, à educação e à performance, estando qualificada, atualmente, com *Qualis Periódicos*[10] A1, no quadriênio 2017-2020, da Plataforma Sucupira. Gilberto Icle destaca alguns aspectos sobre a criação desse periódico científico.

> *[...] tive a ideia de abrir uma revista acadêmica. Naquele momento, no início dos anos 2000, as revistas ainda eram totalmente em papel e não havia muitas revistas no campo das Artes no Brasil. O formato dificultava o acesso e o trabalho editorial era manual. Nesse contexto, criei a Revista da FUNDARTE, periódico que, na primeira avaliação do Qualis, recebeu conceito A Nacional. Hoje ainda figura nos estratos mais altos do Qualis e é uma referência na divulgação de pesquisas em artes* (Gilberto, p. 98).

[10] De acordo com a Plataforma Sucupira (2023), Qualis Periódicos "é um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos", nesse sentido, a sua função é "avaliar a produção científica dos programas de pós-graduação", classificando-os "em estratos indicativos de qualidade A1, mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C – peso zero", nos indicativos avaliativos entre os anos compreendidos de 2010 a 2012 e 2013 a 2016; e "na Classificação de 2017-2020, os veículos poderão ser classificados nos seguintes estratos: A1, mais elevado; A2; A3; A4; B1; B2; B3; B4; C – peso zero".

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Sobre a *Revista da Fundarte*, Gilberto Icle continua contextualizando alguns de seus aspectos:

> *A revista propunha divulgar pesquisas das quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, e passou a publicar o trabalho de diversos pesquisadores nacionais. O fato de a FUNDARTE organizar anualmente ao menos dois grandes eventos: Seminário Nacional de Arte e Educação (do qual fui um dos organizadores nos anos de 2000, 2001, 2002 e 2003 e estive na comissão organizadora desde 1995) e o Encontro Nacional de Pesquisa em Arte (que criei em 2001), para a discussão com renomados pesquisadores nacionais e estrangeiros, ajudou a tornar conhecida a FUNDARTE em âmbito nacional. Assim, bastou-me fazer alguns poucos convites para os números iniciais e logo a revista passou a receber submissões espontâneas de todas as partes do país* (Gilberto, p. 100).

O compartilhamento de conhecimentos em arte oportunizado pela *Revista da Fundarte*, bem como por outras ações de incentivo à pesquisa fomentadas pela instituição, fazem dela um importante meio de interligação entre pesquisadores e estudantes.

A relação da Fundarte com o compartilhamento de conhecimentos acadêmico-científicos, por meio de sua Editora, é um importante pilar de sua constituição. Para além dele, e com a preocupação de se aproximar de distintos públicos, atendendo às necessidades educacionais e suas especificidades, surgem ações e projetos que demonstram o interesse de aproximação da instituição àqueles que desejam ter acesso à arte.

O *Projeto Me Inclua Nessa* é uma iniciativa criada pela professora Maria Isabel Petry Kehrwald, no ano de 2007, que se propõe à integração de pessoas com deficiências[11] às artes. Nele, o estudante, ao ingressar no curso de Artes Visuais ou Dança ou Música ou Teatro, integra as mais diversas atividades inerentes ao curso escolhido, além de participar de apresentações e mostras destinadas ao fazer artístico.

[11] Machado (2020, p. 20) esclarece que "no Brasil, conceituou-se a deficiência por meio do Decreto 3.298, de 20 de dezembro de 1999, na tentativa de regulamentar a Lei 7.863, de 24 de outubro de 1989, que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência". Além disso, conforme salienta a autora, no Brasil há outros documento e leis que respaldam o direito e o acesso à educação por todos, reconhecendo que todas as pessoas são diferentes, incluindo, dentre eles, a Declaração dos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiências – Resolução ONU 2.542/75; a Constituição Federal, de 1988; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96); as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica – Resolução CNE/CEB n. 2, de 2001, dentre outros (Machado, 2020).

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> *Prosseguindo nessa costura de memórias, posso citar a direção da FUNDARTE que assumi de 2000 a 2012, como um especial momento da minha caminhada, quando dei sequência a alguns projetos importantes e implantei outros como o Projeto Me inclua nessa, para pessoas com necessidades especiais e Projeto Saber mais para aqueles que, tendo conhecimento prévio, pretendiam se aprimorar no estudo da arte* (Maria Isabel, p. 178-179).

Além dos Cursos Básicos de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, da Editora e da Revista Científica, a Fundarte possui um Canal de TV, ambos de importante articulação com a comunidade local e acadêmica. A *TV Cultura do Vale* foi criada no ano 2000, durante a direção de Maria Isabel Petry Kehrwald, tendo sua programação veiculada a partir de 31 de dezembro de 2012.

> *[...] consegui com a ajuda de muitos, planejar e construir o estúdio da TV da Fundarte – Canal 53 (TV Cultura do Vale), equipá-la adequadamente e inaugurar o espaço no último dia da minha gestão* (Maria Isabel, p. 179).

Nessa trajetória de articulações e elos com a comunidade local e artística, a *Galeria de Arte Loide Schwambach*, criada em homenagem à artista e professora montenegrina que dá nome a ela, integra um dos espaços físicos da Fundarte. As iniciativas artísticas contempladas pelo espaço têm por objetivo a difusão do conhecimento em arte, por meio de exposições realizadas por artistas contemporâneos, tanto locais e regionais, como nacionais. Para isso, propõe mostras, exposições e o *Salão Fundarte de Arte 10x10*, que atingiu a sua 8ª edição no ano de 2023.

A Galeria também congrega, desde o ano de 2004, o *Projeto Rede de Mediadores*. A iniciativa surgiu com vistas à interlocução entre o público e as obras de arte em exposição, propondo o conhecimento e a reflexão em arte a partir da interlocução dos mediadores e os estudantes visitantes, enquanto uma ação de fomento à formação de apreciadores em arte.

Os estudantes da Fundarte e a comunidade local contam com um espaço de fomento às artes, o *Teatro Therezinha Petry Cardona*, inaugurado no ano de 2002, e com capacidade para o público de 165 pessoas. Desde a sua inauguração, a equipe de coordenação do teatro estima a passagem do público aproximado de 420 mil pessoas, destacando-se por ser o único espaço da cidade de Montenegro

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

a oferecer a infraestrutura adequada à realização de apresentações e eventos em local fechado (Site Fundarte, 2023).

Tal iniciativa de construção do espaço surgiu durante a direção de Gilberto Icle, que incluiu, dentre suas ações, obras, projetos e outros desafios frente à Fundarte, conforme relaciona em sua Carta.

> *Os anos na direção coincidiram com projetos de grande monta para a Fundação, um deles foi o término da obra de ampliação do prédio, o que implicou um enorme trabalho de gerência de recursos e para o acompanhamento da obra, incluindo o término do novo teatro, batizado em homenagem à antiga diretora, Therezinha Cardona* (Gilberto, p. 94).

O *Teatro Therezinha Petry Cardona*, dentre as suas atividades culturais, oportuniza à comunidade local o *Projeto Fundarte Cultural*, com o intuito de contemplar a realização de diferentes atividades artísticas em seus espaços, incluindo apresentações de música, dança e teatro, festivais e espetáculos para os mais variados perfis de público.

Um exemplo desse impacto à comunidade, por meio das ações oportunizadas no teatro, é relembrado pelo professor Marcelo Ohlweiler, ao destacar alguns momentos marcantes que viveu em sua carreira profissional.

> *Em 2014 também tive o prazer e o privilégio de lançar meu CD Solo, Paisagens, no Teatro Therezinha Petry Cardona da Fundarte. Projeto esse planejado por muito tempo até se concretizar.*
>
> *Outro momento marcante foi na formatura de meus alunos na Fundação. Poucos alunos conseguem finalizar e se formar no curso. Muito gratificante ver o reconhecimento e o esforço dos alunos nos recitais e a importância da família nesse processo* (Marcelo, p. 151).

Ao retomar acontecimentos que fizeram parte da trajetória da Fundarte, a professora Cristina Rolim Wolffenbüttel rememora as ações de incentivo ao compartilhamento artístico, como o *Projeto de Encontro de Arte* (PEARTE).

> *Acontecia nas quartas-feiras, às 17h. Em cada encontro havia uma apresentação artística, que poderia ser de Música, Dança ou Teatro. Em diversas ocasiões integraram a programação artistas renomados, tanto locais quanto de outras cidades, estados e, até, estrangeiros. Era, também, uma oportunidade para que estudantes da Fundarte se apresentassem artisticamente. Essa prática, desde o início do aprendizado artístico, é de grande valor, pois se aprende na prática, com uma plateia conhecida, possibilitando o trabalho com os próprios medos,*

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> *muitas vezes existentes, quando se está no início* [do] *desenvolvimento musical. Uma escola, em todos os sentidos* (Cristina, p. 61-62).

A professora amplia as informações relembrando do *Seminário de Jovens Instrumentistas*, que reunia professores e estudantes para momentos de aprendizagens e apresentações musicais. Além da coluna mensal que escrevia para o *Jornal da Fundarte*, chamada *Conversando sobre Música*, o grupo de Canto Gregoriano *Vox Noctis* configurou uma de suas experiências mais relevantes junto à Fundarte.

> *[...] formado por estudantes de música da Fundarte e demais interessados da comunidade em geral, o Vox Noctis dedicava-se ao estudo do Canto Gregoriano, incluindo o entendimento da escrita musical neumática e o contexto histórico da Idade Média* (Cristina, p. 65).

Ampliando as relações da Fundarte com a comunidade, surge a *Associação dos Amigos da Fundarte* – AAF, que existe há 25 anos, contribuindo para articulações de realizações das mais diversas atividades institucionais. Destina-se ao auxílio a todas as áreas e departamentos da Fundarte e é mantida por seus sócios-colaboradores, dentre outros fomentos de incentivos financeiros.

É dessa relação que, do conhecer ao apreciar, Ieda de Freitas Gewehr rememora os momentos vividos na década dos anos 80, como funcionária da Fundarte, bem como os momentos atuais. Destaca a instituição como um ambiente artístico, para o qual também pôde contribuir profissionalmente junto ao setor de comunicação.

> *Integro a AAF – Associação Amigos da Fundarte e esses pouco mais de 6 anos vividos como funcionária, foram marcantes, intensos, cheios de amor pelas artes. [...] O que mais me agradou, nesse período, foi ter criado, com a colaboração de colegas, o primeiro jornal da Fundação. Simples, bem artesanal, mas que serviu como elo de divulgação de todas as atividades da Fundação* (Ieda, p. 121).

Em continuidade a essa história em devir, a formação docente emergiu como uma das principais características rememoradas por aqueles que conviveram e convivem na Fundarte. Nesse contexto, muitas foram as memórias narradas. Dentre as contribuições que o trabalho na Fundarte proporcionou, Gilberto Icle

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

destaca algumas ideias sobre o teatro e a pedagogia, junto às crianças e os adolescentes.

> *[...] de certa forma, aprendi no trabalho na FUNDARTE foi como planejar e avaliar. A Pedagogia do Teatro, como campo disciplinar no Brasil, sempre foi carente de textos para a prática escolar e reflexões mais concretas sobre as tecnologias educacionais concernentes ao ensinar e ao aprender. Assim, nunca tivemos muitos materiais à disposição que ajudassem professores e professoras na tarefa de planejar e avaliar seu trabalho. Isso sempre fora feito de modo a tomar de empréstimo o conteúdo produzido na Educação em geral.*
>
> *Tal dificuldade, a de planejar e avaliar, instigou-me a pensar mais sobre isso e a me preocupar em encontrar alternativas para o planejar e avaliar. Com efeito, na FUNDARTE havia uma demanda de planos e avaliações e, ainda um processo contínuo de reformulação e atualização curricular. Tal processo me incitou a formular perguntas que me acompanham até hoje e que me fizeram produzir nessa direção* (Gilberto, p. 86).

Ao remontar a sua relação profissional junto à Fundarte, desde o ano de 1988, Cristina Rolim Wolffenbüttel, narra sobre como a instituição contribuiu para sua formação docente.

> *Aprendi, com certeza, mais profundamente o ato de ensinar, a partir de minhas vivências no cotidiano da Fundarte. Digo, sem dúvidas, que me tornei professora na Fundarte.* (Cristina, p. 61).

Assim, no contexto histórico da Fundarte, muitas foram as trajetórias narradas entre os tempos como estudante e professor(a). Dessas relações, começo com as memórias narradas pela professora Gisele Andrea Flach, com o momento que aborda como a sua relação docente se consolidou na instituição.

> *Eu nunca consegui dar aulas sem me emocionar e vibrar com as conquistas dos meus alunos ou dar uma palavra de consolo e carinho quando eles desabafavam comigo sobre algum problema que os afligiam* (Gisele, p. 111).

A história da professora Marina Reidel se entrelaça a esta narrativa, de ex-aluna à constituição de sua carreira profissional, por meio das ações docentes junto à Fundarte.

> *O tempo que vivi como aluna de 1986 até 1993 ou depois como professora de 1993 até 2016, foi necessário para vencer os meus desafios e construir meus objetivos, tanto individuais quanto coletivos, em prol da arte, da cultura, da educação em Montenegro. Como professora*

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> *vivenciei diversas ações com diversos públicos desde a educação infantil até a terceira idade, grupos os mais diversos mostrando através desse convívio que a arte nos leva a conquistar cidadania, dignidade e respeito pelas questões culturais, materiais, ideológicas, religiosas e identitárias, entre outras. Assim, podemos perceber o quanto somos diferentes, o quanto somos singulares em um processo coletivo que forma e que pode capacitar tanto no aspecto cultural quanto educacional, toda uma comunidade das diversas realidades e assim propiciar um mundo melhor para todos os cidadãos e cidadãs deste município* (Marina, p. 191).

A professora Sandra Mara Rhoden, outro exemplo nessa trajetória formativa estabelecida entre os períodos como estudante e professora do curso de música, fazendo uma metáfora com o balanço que brincava durante a sua infância, rememora a sua história.

> *Em 1994, retornei a Montenegro como uma filha saudosa e, consequentemente, à FUNDARTE, com a intenção de retomar meus estudos de piano e canto em grupo. Vivenciava as aulas com alegria por, novamente, fazer parte daquele contexto artístico. Nesse mesmo ano, fui convidada para fazer parte do corpo docente da FUNDARTE e realizar o Curso Técnico em Educação Musical, o que me possibilitou prestar concurso para a Instituição. [...]*
>
> *Desde então meu balanço não saiu mais da FUNDARTE. Hoje, Licenciada em Música e Artes Visuais, e com um Mestrado em Educação, trabalho na Instituição desde 1994, especificamente, com o público infantil, e, com a formação de professores. Meu balanço segue firme neste espaço que possibilitou-me ser aluna e hoje professora* (Sandra, p. 241).

Assim como o professor Matheus Kleber, que destaca desde os significados às expressões de sua história, o transformar-se de estudante a professor.

> *Foi o lugar em que realizei minha formação musical, artística, e onde tive uma grande aprendizagem como pessoa, cidadão, estudante e, posteriormente, professor. Fui aluno da fundação por 12 anos, de 1991 até 2003, e atualmente estou professor desde 2011. Portanto, até o momento, em 23 anos dos meus 37 anos de vida estive ligado de alguma maneira à instituição* (Matheus, p. 194).

E o professor Ranielly Scheffer, que também teve suas histórias pessoal e profissional atravessadas pelas ações da Fundarte como estudante e, posteriormente, como professor. Em sua Carta, dedicada à Fundarte, Ranielly comenta:

> *Mais tarde, tive a honra de contribuir, ao seu lado, com o ensino e produção de arte na nossa cidade, me tornei parte da equipe, iniciei*

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> *minha atuação como professor de piano. Chegaram novos desafios e experiências, momentos de extrema alegria e alguns também difíceis, altos e baixos, mas a emoção e o sentimento sempre foram bons e positivos. Você, eu e todos sempre estivemos unidos, buscando soluções e possibilidades para seguir fazendo o que amamos, arte!* (Ranielly, p. 220).

Desses encontros que levaram estudantes à carreira docente nos distintos tempos e espaços da Fundarte, à docência também é relacionada como um importante aspecto formativo estabelecido no encontro entre Lúcia Helena Pereira Teixeira e a Fundação.

> *Sou muito grata por todas as vivências formativas nessa instituição, que não se encerraram nas atividades corais. Fui ainda professora de harmonia e música de câmara, junto do Curso Básico, e trabalhei como regente da Camerata Montenegro e da Orquestra Infanto-Juvenil* (Lúcia, p. 24).

Na área da música, há várias inciativas e projetos que fomentam experiências em arte na Fundarte, a *Camerata Montenegro* é uma delas. Criada em 1977, ainda nos tempos do Conservatório de Música, foi chamada, inicialmente, de *Orquestra Infanto Juvenil*, que desde 1982 passou a ser conhecida pelo nome que a formaliza até então. Atualmente, a Camerata integra estudantes dos instrumentos de corda, proporcionando experiências do tocar em conjunto com repertórios destinados a pequenas formações.

Assim, os encontros oportunizados fizeram o reconhecimento da importância das realizações coletivas, da união dos trabalhos à concretização de propostas educativas, como rememora Lúcia Helena Pereira Teixeira.

> *É importante sempre recordar que atividades e projetos não se fazem sozinhos, senão com o compartilhamento da força de trabalho e envolvimento de muitas pessoas. Essa, aliás, foi uma das marcantes aprendizagens vivenciadas nessa instituição: todos e todas com os/as quais convivi sempre foram (e são!) muito engajados/as para com as atividades a fim de que o que quer que seja programado possa fluir e acontecer da melhor maneira possível* (Lúcia, p. 27).

As vivências oportunizadas pelo trabalho de Lúcia Helena na instituição deixaram lembranças, as quais continua compartilhando em sua carta.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> *Com o Coral da FUNDARTE fizemos algumas apresentações em Montenegro e arredores e vivenciei uma das situações mais memoráveis que já vivi com grupos corais* (Lúcia, p. 22).

Na trajetória de (re)memórias das primeiras relações como professor da Fundarte, Thiago Kreutz relata sobre a aproximação da arte à pedagogia, tendo em vista o desenvolvimento de sua atuação educativa em música junto aos estudantes do Curso Básico de Violão.

> *É difícil definir com alguma precisão, de fato o que é Arte, ainda mais levando-se em conta as inúmeras correntes, estilos e estéticas. Se for para tentar ir em alguma direção, diria que se trata de uma atividade profunda e essencialmente humana. Sinto que na FUNDARTE trabalha-se em sintonia com essa ideia. O respeito com o ser humano e suas diversidades é primordial. Há espaço para vivências artísticas desde a infância até a 3ª idade, nas mais diversas manifestações artísticas, individuais e/ou coletivas* (Thiago, p. 255-256).

> *Fazer parte de um processo pedagógico focado no aluno e de transformação através da arte é algo muito gratificante. Cada aluno, em sua singularidade, quando supera um desafio, seja no aprendizado das primeiras notas no instrumento, ou já na expressão de toda a sua plenitude numa apresentação no palco, traz um brilho no olhar que é difícil de descrever. É quase como um sorriso da alma. Resultado de um trabalho contínuo e em equipe realizado na FUNDARTE* (Thiago, p. 256).

Por sua vez, Marcelo Bruno também destaca a importância da Fundarte frente à formação cidadã por meio da arte. Seu vínculo institucional como professor, além da importância de entender o ensino da arte como uma possibilidade educativa para a vida, transformam, para ele, a instituição em um ambiente pedagógico diferenciado aos estudantes de arte.

> *Tenho a honra de participar como professor há quase três décadas dessa Fundação e posso perceber facilmente essa relação. Ainda trago na memória as primeiras impressões que tive ao iniciar minha trajetória docente na FUNDARTE. Na cabeça daquele então jovem professor, recém saído do curso de Bacharelado em Música, pensando em repetir à fórmula que até então vivenciara em sua formação que visava a profissionalização. Foi uma grande surpresa me deparar com uma linha pedagógica adotada pela FUNDARTE: a ARTE-EDUCAÇÃO.*

> *É por meio desta linha pedagógica, que não tem como objetivo principal a formação de profissionais desta área e sim oportunizar o acesso à Arte como linguagem expressiva, proporcionando acesso à diversidade cultural, trazendo sentido a experiência humana individual e coletiva na Educação que se dá a maior vinculação da FUNDARTE junto a sua comunidade* (Marcelo Bruno, p. 148).

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

A professora Sílvia da Silva Lopes, que também estudou na Fundarte, complementa as histórias docentes contando como se deu a sua aproximação à instituição, bem como a sua relação docente com os estudantes do curso de dança.

> *Foi a Srª Therezinha Petry Cardona quem me convidou para dar aulas na Fundarte. Lembro-me como se fosse hoje, do primeiro dia em que voltei, naquele momento, como professora. A partir dali a responsabilidade era toda minha, de tornar o sonho de outras crianças, realidade. O sorriso de cada uma delas, seja por superar uma dificuldade, ou seja, por vestir um figurino e entrar no palco iluminado, cheio de pessoas na plateia está marcado em mim e, me deixa muito feliz* (Silvia, p. 244-245).

E amplia as suas relações com a Fundarte, destacando os projetos que propôs e que existem até a atualidade, ações que contribuem para a formação dos estudantes do curso de dança.

> *[...] unindo as três turmas mais adiantadas, dirigi uma coreografia de Dança Contemporânea chamada "Rhytmetron" e, assim, fundei o Grupo de Dança da Fundarte, que existe até hoje e, é dirigido atualmente pela professora Débora Brandt. Detalhe: ela foi minha aluna na Fundarte e, mais tarde, veio a ser minha colega.*
>
> *E o Projeto Dançar? Possibilitou e continua possibilitando a um número muito maior de crianças a dançarem. Muito relevante o fato deste projeto oferecer também os uniformes e os figurinos. Ali todas e todos são estimulados a dar o melhor de si havendo também uma articulação com as escolas, no sentido de acompanhar o seu empenho e desenvolvimento* (Silvia, p. 245).

Em complementação a essa trajetória estudantil e profissional, considerando a sua experiência com a Fundarte, Márcia Pessoa Dal Bello narra sobre alguns aspectos que a fazem acreditar na importância da educação por meio da arte e no privilégio de poder acompanhar a vida escolar dos estudantes, como coordenadora de ensino.

> *Ter a oportunidade de acompanhar a vida dos alunos que buscam a Fundarte para estudar Arte, e que aqui iniciam o curso, passando a fazer parte das nossas vidas, faz de mim uma pessoa realizada profissionalmente. É maravilhoso vê-los se desenvolverem e ter a alegria de comemorar a formatura de muitos, conviver com outros que permanecem aqui por algum tempo, e dessa forma, ter a oportunidade de poder observar a sua transformação, a partir do conhecimento das linguagens artísticas* (Márcia, p. 157).

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Da satisfação em poder acompanhar o desenvolvimento dos estudantes, Márcia prossegue em sua narrativa, descrevendo sobre a importância da implementação de projetos sociais que levam as ações da Fundarte por outras regiões do município de Montenegro, oportunizando o acesso às artes aos que não conseguem chegar até a instituição com facilidade.

> *Não posso deixar de mencionar a satisfação que os projetos sociais me provocam, os quais são promovidos pela Fundarte, cujos principais objetivos são a descentralização e acessibilidade do ensino das Artes, os quais atendem mais de 200 alunos, para quem o acesso às Artes lhes é negado, por diferentes razões. Sou muito grata por ajudar a concebê-los, bem como contribuir na execução da maioria desses projetos* (Márcia, p. 157).

O *Projeto Ação Comunitária Fundarte* constitui uma outra importante iniciativa artística, que leva o acesso ao ensino musical a estudantes de escolas públicas de Montenegro. As atividades ofertadas são realizadas, em sua maioria, em escolas da região selecionadas pelo projeto, contemplando o ensino por meio das Oficinas de Musicalização, Violão, Flauta Doce e Percussão. E, nas dependências da Fundarte, o projeto oferta o *Coro Saber Viver*, destinado às pessoas com idades a partir de 60 anos, e da *Camerata de Violões*.

Dentre tantas contribuições sobre a Fundarte, o modo como os seus estudantes a percebem se consolida enquanto um importante aspecto à constituição dessa história institucional que se fortalece com distintas histórias vividas em seus mais distintos tempos e espaços de existência.

A professora Gisele Andrea Flach aprofunda, em sua narrativa, outros aspectos sobre a sua história junto à Fundarte, perpassada durante a sua infância de aprendizados artísticos.

> *Minha história com a FUNDARTE começou em meados de 1986, quando eu tinha 6 anos de idade, na Escolinha de Arte. [...] Em 1988, com 8 anos, eu ingressei no curso de música, com o intuito de "tocar piano igual ao Richard Clayderman"* (Gisele, p. 103).

> *Também com 8 anos, entrei no ballet porque, desde os 5 anos de idade, o meu sonho era "ser pianista, bailarina e falar inglês". Confesso que neste último eu só me empenhei depois de adulta! Mas o ballet, apesar de ser uma criança gordinha, eu me esforçava muito. Assim como o piano, eu amava o ballet [...]* (Gisele, p. 105).

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

A vida de Gisele foi permeada pelas suas duas formações na Fundarte, tanto no curso de balé quanto no curso de música, conquistas que a levaram a integrar o corpo docente da Fundação.

Em continuidade, a professora Marina Reidel conta como, desde a sua infância até os momentos atuais, a Fundarte faz parte de sua caminhada.

> *Mas antes dessas experiências feitas como professora volto ao passado para lembrar do tempo em que cheguei na Fundarte, no ano de 1986, enquanto estudante do curso de qualificação profissional em educação musical. E estava posto o primeiro desafio! E assim foi. Fui estudar, aprendi a cantar, tocar instrumento, ler música, participar de grupos cantar Canto gregoriano, coral e até ensaiar peças teatrais e natais no parque, mas acima de tudo aprendi a sonhar* (Marina, p. 188).

> *Durante muito tempo as minhas experiências no campo da vida e da arte foram vividas dentro deste espaço chamado Fundarte. Um lugar mágico que possibilitou de todas as formas o reencontro com o meu eu, as formas como via o mundo e os experimentos alquimistas que transformaram a arte e a educação em vidas ao longo destes anos* (Marina, p. 189).

Assim, também aconteceu com o professor Matheus Kleber, ao contar, em sua Carta, o início de sua aproximação com a Fundação. Durante o período que estudou na Fundarte, Matheus desenvolveu atividades artísticas com o grupo musical denominado, incialmente, de *Os Bombachas*. Com o passar dos anos, o grupo teve outras denominações como *Os Bombachas e a Prenda* e, por fim, *Talento Jovem.*

> *Por mais de cinco anos fizemos diversas apresentações na FUNDARTE e na região de Montenegro. Isso proporcionou que eu tivesse minhas primeiras experiências em cima dos palcos, descobrindo o sabor dos diferentes aplausos, aprendendo a me comunicar com o público* [...] (Matheus, p. 195).

O ser docente, enquanto uma forma de contribuição aos momentos de aprendizagens, apresenta-se como uma importante característica entre as possibilidades de quem foi estudante e agora é professor na Fundarte, Marcelo Ohlweiler narra como constitui a sua trajetória junto à instituição diante dessa perspectiva.

> *Iniciei meus estudos na Fundarte em 1988. [...] Me formei no Curso Básico em música na Fundação em 1990. Neste mesmo ano tive a oportunidade de iniciar minha trajetória docente como monitor substituindo*

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> *o prof. Marcos Corrêa lecionando violão. Em 1993 me formei no Curso Técnico em Educação Musical na FUNDARTE mesmo. [...] Desde o início sempre acreditei e investi na carreira de artista/professor, aliando experiência de tocar diversos gêneros musicais em diversos Grupos e Bandas, com a carreira de professor* (Marcelo, p. 150).

Nesse entrelaçar de vidas e histórias, Sandra Mara Rhoden apresenta a sua trajetória na Fundarte desde a sua infância. Na comparação poética entre ela e o seu balanço, descreve os principais momentos vividos e convividos na arte.

> *Em 1983, recebi o convite para fazer parte do Coro Infanto-juvenil da FUNDARTE. Além de ser uma atividade gratuita, também era a oportunidade que tinha de pertencer ao mundo encantado das artes. Além de desenvolver minha voz e cantar, pude apreciar outros territórios através das apresentações do grupo. Conheci várias cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Argentina, subi nos palcos importantes como o da PUC, UFRGS, OSPA, entre outros. Ao ser conduzida pela maestrina Marli Marlene Becker aprendi a impostar minha voz corretamente e sonhar, em um dia, quem sabe, lá ao longe, reger um Coro como a querida Marlí, que era um afeto só, além de ser um brilhante profissional e de conseguir fazer com que nós, adolescentes, brilhássemos em muitos palcos aí a fora* (Sandra, p. 240).

Assim, também com a sua trajetória marcada junto à Fundarte entre os tempos como estudante, Ranielly Scheffer conta sobre as suas lembranças, ao agradecer pelos momentos vividos nos espaços da instituição, que o permitiram conviver com a arte por meio da música, da dança e do teatro.

> *Lembro como se fosse ontem da minha primeira aula de piano, num primeiro momento, um pouco receoso, mas, logo naquele primeiro contato com o fazer música e arte eu descobri minha paixão.*
>
> *Você faz parte de grandes momentos da minha vida, meu primeiro recital, primeiro espetáculo, primeira peça teatral, minha formação como artista, músico, bailarino, professor e muito mais. Foram anos nos quais passei de adolescente a adulto, cheios de boas histórias e aprendizados que ficaram marcados em minha memória* (Ranielly, p. 220-221).

Adriana Bozzetto, ao relembrar da Fundarte como uma casa, ressalta aspectos que contribuíram para sua constituição pessoal e profissional.

> *Na tua casa, em distintos processos de socialização, fui crescendo e me inserindo em um conjunto de aprendizagens para muito além do fazer música, e arte. De aluna a professora, o processo foi árduo e envolveu incontáveis encontros de vida. Fiz parte de muitos grupos musicais – da Orquestra e Camerata aos grupos corais* (Adriana, p. 15-16).

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

E é desse *lugar de encontros*, que os caminhos, entrecruzados por aqueles que se permitiram ser atravessados pela arte, consolidaram-se junto às diferenças que marcaram a vida em presença. Para Adriana, os lugares outros que a Fundarte permitiu com que seus estudantes vivenciassem a arte, para além dos seus próprios espaços, constituem, também, um ponto-de-encontro.

> *[...] um lugar de encontro com pessoas, professores que marcaram e que, até hoje, me acompanharam por onde eu for. E como não lembrar e marcar tantos alunos e alunas que fizeram parte de minha construção docente? Hoje vejo muitos brilhando por tantos lugares mundo afora e carregando nossas aprendizagens coletivas* (Adriana, p. 16).

Nesse cenário que permite elos, ensino e aprendizagens, a história narrada por Silvia da Silva Lopes remonta acontecimentos de sua vida por meio da dança na Fundarte. E, para além disso, como a sua ligação com a instituição extrapola as suas relações de estudante a professora e de professora dos atuais professores que lá atuam.

> *Cresci junto com a Fundarte e, depois de alguns anos tendo aula de dança em uma garagem de um prédio, atrás da Igreja Catedral de Montenegro, inaugurei, ainda como aluna, a sala 34, que na época era 31. [...]*
>
> *De aluna, alcei vôo e passei a ser bailarina profissional. A Fundarte, a minha dedicação e o apoio dos meus pais fizeram com que aquele sonho de menina se realizasse* (Silvia, p. 243-244).

Foi nesse trilhar entre os momentos como estudante e professora que Renata Duarte rememora a sua história na Fundarte, a qual conduziu à sua carreira internacional por meio da música.

> *Comecei meus estudos na Fundarte com 7 anos. Queria estudar piano, mas na época era necessário começar estudando flauta doce. [...] Além de flauta doce e piano, estudei ballet, participei da orquestra infanto-juvenil e da camerata.* (Renata, p. 228).
>
> *Aos 10 anos fui solista da Orquestra Juvenil Fundarte com a qual realizei vários concertos em Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Durante a adolescência participei de diversos workshops e master classes [...]* (Renata, p. 230).

Da Fundarte, Renata seguiu seus estudos musicais em diferentes instituições de ensino no Brasil e no exterior, e atualmente realiza atividades como concertista

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

e professora na França, além de se apresentar em diversos países da Europa e da Ásia.

Mas, essa história institucional em devir repleta de outros entrelugares, que ecoa os seus potenciais por meio da educação e da arte, estabelece conexões com outras importantes propostas. Entre os anos de 2002 e 2011, a Fundarte, por inciativa interna, propôs a elaboração e, também, integrou a administração da Unidade em Montenegro da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

A iniciativa oportunizou que os estudantes do Curso Básico pudessem dar continuidade aos seus estudos por meio dos Cursos de nível superior de Graduação em Licenciatura nas mesmas áreas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro).

A Fundarte e a UERGS ocupam, desde então, o mesmo espaço físico; no entanto, desde o ano de 2012, a Unidade em Montenegro da UERGS passou a ser de administração estadual, adequando-se às legislações vigentes. Ambas, portanto, constituem instituições distintas, mas que compartilham os espaços físicos e as inciativas à pedagogia das artes na cidade de Montenegro.

Diante desse contexto, Gilberto Icle e Maria Isabel Petry Kehrwald destacam toda a dedicação que tiveram para a proposição e implementação da universidade junto à Fundarte.

> *[...] se a conclusão do prédio sede foi um enorme desafio, nenhum foi maior e mais significativo do que o convênio com a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), que estava sendo implantada no estado* (Gilberto, p. 94).

> *Os cursos, depois de uma grande mobilização local da comunidade para garantir sua inclusão na UERGS, iniciaram em março de 2002. Trabalhei intensamente na direção da FUNDARTE para sua implementação e assumi a coordenação dos quatro cursos nos primeiros anos de funcionamento. Além disso, fui um dos professores do corpo docente, o que inaugurou para mim minha carreira no Ensino Superior* (Gilberto, p. 96).

Em continuidade, Maria Isabel Petry Kehrwald, amplia a contextualização.

> *A Coordenação dos quatro cursos de Artes da UERGS (Graduação em Artes Visuais, Graduação em Dança, Graduação em Música e Graduação em Teatro) realizados pelo convênio FUNDARTE/UERGS foi um grande desafio pela complexidade de assumir a docência, a burocracia acadêmica, o gerenciamento de alunos, professores, espaço físico e*

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> *recursos financeiros limitados, além da execução dos vestibulares. [...] Recordo desse período como de grande aprendizado, de compreensão mais ampla da diversidade, do respeito às diferenças, aos gêneros, às subjetividades, das discussões teóricas acaloradas, das dúvidas permanentes e das certezas provisórias* (Maria Isabel, p. 179).

Dessa iniciativa, emergiram distintos momentos rememorados à constituição de carreiras docentes, de amizades estabelecidas, de encontros que marcaram vidas por meio da educação e da arte.

Maria Cecília Torres esclarece que aprendeu a ser docente com as vivências nos espaços da Fundarte, nos tempos em que integrou o corpo docente da UERGS.

> *[...]aprendi a ser docente no Curso de Pedagogia da Arte (UERGS) e lá certamente aprofundamos nossos laços de amizade e de vida acadêmica. [...] lembranças e sonoridades continuam a vibrar e reverberar em minha vida!* (Maria Cecília, p. 31-32).

Em continuidade, Silvia da Silva Lopes, marcada pelos atravessamentos oportunizados pela Fundarte – quer seja junto de seus cursos e/ou por meio dos cursos de Pedagogia da Arte, ofertados na relação interinstitucional com a UERGS – rememora importantes aspectos de sua vida e carreira, fortalecendo a importância da Fundarte no cenário nacional para a educação e a arte.

> *E, por falar em estranhamento, a Fundarte propôs um convênio com a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, nascendo assim, os Cursos de Graduação em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro: Licenciatura. Lá estava eu inaugurando mais essa fase histórica. Segui ministrando aulas no Curso Básico de Dança e iniciei como professora na Graduação em Dança* (Silvia, p. 246).
>
> *Montenegro recebeu o título de Cidade das Artes por causa da Fundarte e da Uergs, título esse que muito me orgulha.*
>
> *Muitos alunos e alunas da Fundarte fizeram a Graduação em Dança e muitos licenciandos(as) da Uergs foram fazer aula no Curso Básico. Professores e alunos transitavam e interagiam contribuindo para a efervecência da Dança na Fundarte, na cidade e em outros lugares* (Silvia, p. 246).

A professora Silvia continua o rememorar de suas lembranças junto à instituição, destacando a sua contribuição para formação dos atuais docentes do *Curso Básico de Dança da Fundarte*.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> *É com orgulho que revelo aqui que o e as professores(as) atuais de Dança da Fundarte foram meus alunos e continuam essa história linda. A ele(as) meu abraço carinhoso: Suzana Shoellkopf, Débora Brandt, Augusta Nabinger e Patrick Moraes.*
>
> *[...] Vejo na Fundarte, uma fábrica de sonhos!!! A Fundarte impulsiona, estimula e proporciona a realização de sonhos diversos. Ali, o vôo pode ser mais baixo ou mais alto, mas com certeza será significativo!* (Silvia, p. 248-249).

Ao (re)montar essa história em devir sobre os tempos e os espaços oportunizados pela Fundarte, reconheço que ela se constituiu enquanto uma das inúmeras possibilidades de versões sobre o (re)contar de trajetórias vivas e vividas durante processos de ensino e de aprendizagens em arte.

A minha aproximação com a Fundarte permitiu conhecer distintas relações estabelecidas entre a própria instituição e aqueles que por ela passaram nos mais distintos tempos e espaços de sua existência, por meio do (com)viver com professores, colaboradores e estudantes, mas, principalmente, entre as possibilidades de parcerias que surgiram, para o compartilhamento de conhecimentos, narrativas e vivências oportunizadas em seus espaços.

O impacto dessas ações, de aproximações e vivências por meio das artes, é salientado por cada um dos sujeito-indivíduos que se dedicaram em escrever, bem como se sentiram provocados em contar suas histórias na e com a Fundarte, durante o período destinado ao compartilhamento das Cartas Narrativas. A relevância sobre os conhecimentos com e por meio da Educação e da arte propiciou compartilhamentos que ampliam o desenvolvimento sobre os saberes dessa instituição junto à sociedade montenegrina e o mundo.

Nas relações de aprendizagens, ensinamentos, vivências, experiências e conexões, é possível perceber que a linguagem, por meio das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro, impacta na vida de todos que se permitem (com)viver em estreita relação com a arte. São modos de ser, de se perceber, de se constituir sendo quem se é, que a Fundarte oportuniza, ao seu (com)viver, possibilidades de estar no mundo em seus distintos tempos e espaços de resistências, durante o seu cinquentenário comemorado no ano de 2023.

Assim, também emergem possibilidades epistemológicas, junto ao ato de rememorar os modos de narrar em linguagem-escrita; junto à história que estabelece elos e conexões, fazendo sentido ao considerar as vivências de quem

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

as escreve e de quem as lê. Ao considerar o modo que cada uma se constituiu, essas histórias podem mudar, podem se transformar. A leitura, a interpretação, a inter-ação, as cores, as formas, os sons, as sensações, as percepções; enfim, todos os sentidos que perpassam o corpo, os quais podem revelar o que se propõe por meio deste estudo: interrogar a Epistemologia da Educação Musical na Fundarte.

Diante das conexões à complexidade, coloco-me à espreita para transformar reflexões em linguagem-escrita, diante do desafio de elaborar uma **Última Carta**, tecendo algumas considerações teórico-reflexivas à Epistemologia da Educação Musical na Fundarte.

Última Carta

A Educação Musical que busquei interrogar me aproximou de conhecimentos que extrapolam os conhecimentos musicais. Acontece transversalmente e complexamente junto às outras potencialidades artísticas. No entanto, posso me aproximar à compreensão filosófica desses conhecimentos a partir da própria Música, da Educação Musical que me constitui enquanto músico-docente-pesquisador. Por esse motivo, ao me apropriar dos *Pilares da Educação para a Educação Musical* (Almeida, 2019), foi possível metamorfoseá-los no contexto educativo-artístico da Fundarte, entendendo-os como **Concepções da Educação em Arte**, ao (re)conhecer que as convivências artísticas relatadas nas *Cartas Narrativas*, relacionadas neste estudo, propiciaram a reflexão sobre uma Educação múltipla em arte, e não exclusivamente musical.

Na Fundarte, é possível **Aprender a conhecer**, para além da Música, as Artes Visuais, a Dança e o Teatro. A instituição propicia a aproximação individual e/ou mútua com as áreas que a constituem enquanto uma Fundação preocupada com o acesso à Educação por meio da arte.

Em ampliação ao conhecer, **Aprende-se a fazer** em arte por meio de ações e experimentações intermediadas por docentes que articulam saberes, materiais, técnicas, conceitos estéticos e éticos ao processo de ensino e aprendizagem em arte. Tais processos extrapolam a individualidade, tornam possíveis o **Aprender a viver junto e Aprender a conviver**, com os mais distintos modos de perceber a

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

arte, diante de um contexto educativo-artístico que se propõe aproximar a própria arte aos sujeito-indivíduos que se permitem ser afetados por ela, bem como impactar os modos de se fazer e de se perceber a própria arte na interlocução de todos os que se permitem estar presentes por meio dela.

Aprende-se a ser, singular e coletivamente, sujeito-indivíduo que integra sensivelmente o corpo, a alma e o pensamento destinados ao conhecer por meio da arte, quer seja disciplinar, transdisciplinar ou multidisciplinarmente, diante das distintas ações de compartilhamento de conhecimentos oportunizados no contexto da instituição. São conhecimentos oportunizados por meio do Curso Básico, do acesso à Galeria de Arte, do Teatro que contempla distintos modos de apresentações e apreciações artísticas, por meio do canal televisivo que leva informação à comunidade e de ações que descentralizam o acesso à Educação em arte.

Por sua vez, os *Usos e Funções da Educação Musical* (Almeida, 2019) possibilitaram o metamorfosear, diante do contexto educativo-artístico da Fundarte, às **(Re)ações da Educação em Arte**. Constituindo-se em (**Re)ação Física**, que propicia a interação com os mais distintos saberes artísticos voltados ao corpo, experienciando, apreciando e produzindo ensino e aprendizagens; em (**Re)ação de Expressão Emocional**, enquanto um modo de refletir e exteriorizar os conhecimentos apropriados junto aos processos educativos que cada sujeito-indivíduo se permitir conviver nos distintos contextos da Fundarte.

A (**Re)ação de Prazer Estético** emerge diante das (Re)ações anteriores, propiciando que os conhecimentos educativo-artísticos apropriados pelos sujeito-indivíduos sejam mobilizados à compreensão da arte a ser apreciada, considerando suas formas, os seus modos de produção e apresentação em distintos contextos de exposição e acesso à representação artística. Da mesma forma, a (**Re)ação de Comunicação** está para a interlocução desses conhecimentos, tanto no sentido artista-expectador, quanto do expectador-arte e expectador para com outros expectadores, ao relatarem as suas percepções sobre o estético, sobre as (Re)ações Física e Emocional provocadas diante da apreciação educativa em arte.

Cabe salientar que, para além da (**Re)ação de Entretenimento**, que propicia o apreciar a arte em seus mais variados contextos de apresentação ao público, os

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

quais contribuem às (**Re)ações de Comunicação**, **de Estabilidade da Cultura** e **de Integração da Sociedade**, propicia, também, a (**Re)ação de Representação Simbólica**, que pode ser criada por cada um dos sujeito-indivíduos que se permitem (com)viver nos mais distintos contextos artísticos oportunizados pela Fundarte.

Ao interrogar a Epistemologia da Educação Musical na Fundarte, torna-se indissociável o reconhecimento de **(Re)ações da Educação em Arte** em seu contexto de (com)vivência. Reconhece-se a Música musicalmente, assim como se reconhecem as Artes Visuais, a Dança e o Teatro, vivendo a arte educativamente. É ao se permitir viver com a arte, conhecendo-a e explorando-a, que é possível se aproximar de conhecimentos que a circunscrevem nesses tempo e espaço de existir e de se constituir identitariamente por meio dela.

São, portanto, **Reações** individuais, resultantes das percepções às artes que emergem de cada indivíduo-sujeito no contato/interação para com elas; e **Ações**, individuais e coletivas, destinadas ao ensino e a aprendizagem em arte, que integralizam a contextualização proposta às **(Re)ações da Educação em Arte**.

Ao entender a Música como linguagem, como simbólica, que depende de compreensões específicas, torna-se possível relacionar, no contexto educativo-artístico estudado, que tal possibilidade, também, relaciona-se às demais áreas que se retroalimentam à própria Música para a sua existência na Fundarte.

Nesse sentido, considerando o modelo educativo-musical proposto por Swanwick (2003), ao metamorfoseá-lo para o contexto educativo-artístico da Fundarte, é possível compreender que a Prática (a apreciação, a apresentação, a criação, a experimentação e a exploração) de distintas materialidades artísticas, integram-se à Teoria (a leitura, a pesquisa, a descrição dos modos de se fazer e de se perceber por meio da arte). Extrapolam a sua ordem individual, desordenam-se, interagem e se reorganizam de distintos modos, a partir de cada sujeito-indivíduo que se permite (com)viver diante da possibilidade do acesso à Educação em arte na Fundarte.

Ao agregar conhecimentos que intensificaram e ampliaram as possiblidades de interlocução artísticas entre os sujeito-indivíduos, os quais se propuseram a (com)viver com a arte em suas mais distintas formas de representação, que a Fundarte se destaca pelas *Vias* da Educação. São essas *Vias* que propiciam o

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Conhecer-Fazer-Viver-Ser em arte aos estudantes, docentes, colaboradores e apreciadores, bem como oportunizam o transitar entre saberes e conhecimentos específicos, os quais se fundem ao mesmo tempo em que existem em suas individualidades.

É possível compreender que as áreas se fortalecem na comunhão entre os conhecimentos, no compartilhamento de suas especificidades em um ambiente que viabiliza a sua integração. Criar, Fazer, Aprender, Ensinar, Apreciar e Compartilhar conhecimentos prático-artístico-literários em Educação em arte consolida a Fundarte epistemologicamente como uma instituição preocupada com a articulação dialética entre o ensinar e o aprender, acolher e cooperar, discutir e compreender, apropriar e compartilhar, informar e reformar, escrever e interpretar, dentre outras relações que possam suscitar suas interlocuções para com o ambiente sociocultural que a circunscreve.

Assim, a Epistemologia da Educação Musical está para a sua provisoriedade no tempo – à mercê das informações que circunscrevo neste estudo – nos iminentes riscos ao erro, à ilusão e à ignorância que me limitam ao conhecimento do conhecimento, que me cerceiam e complexificam e conectam às condições humanas, ao compreender o que me proponho transformar em linguagem-escrita. A Epistemologia da Educação Musical se constitui na conexão com as Artes Visuais, com a Dança e com o Teatro, em um contexto de (com)vivência que proporciona o transitar entre todas essas áreas em um único espaço, em um único tempo de existência.

A continuidade deste estudo poderá propiciar um maior aprofundamento sobre o que se efetivou enquanto **Concepções da Educação em Arte** e **(Re)ações da Educação em Arte** no contexto da Fundarte, para além de conhecer outras histórias vividas que possam subsidiar a constituição da história institucional em devir.

Referências:

ALMEIDA, Bruno Felix da Costa. **Do texto ao contexto, da imagem ao som**: uma proposta histórico-política para a elaboração de um currículo em educação musical. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação. Osório, 2019. 274f. Disponível em:

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

https://drive.google.com/file/d/1uveGlpIlizqQVkJ9dNMgPDAm6AtiJxTc/view. Acesso em: 19 mar. 2021.

ALMEIDA, Bruno Felix da Costa; DAL BELLO, Márcia Pessoa; HUMMES, Júlia Maria. **Cartas narrativas**: o que eu (com)vivi na FUNDARTE. Montenegro: Editora da Fundarte, 2023. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/9786588330111/issue/view/98/138. Acesso em: 31 out. 2023.

COSTA, Fabiola Cirimbelli Búrigo. A contribuição do movimento Escolinhas de Arte no Ensino de Arte em Santa Catarina. **Revista Nupeart**. Florianópolis, vol. 8, n. 1, 2010. Disponível em: https://www.periodicos.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/3068/2264. Acesso em: 27 jul. 2023.

DELORS, Jacques *et al*. Os quatro pilares da educação. In: DELORS, Jacques *et al*. **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: UNESCO, 1996. Disponível em: unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf. Acesso em: 19 mar. 2021.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. **Em Pauta**, v. 13, n. 21, dez., 2002. Disponível em: seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/8526. Acesso em: 19 mar. 2021.

FUNDARTE. Fundarte, c2023. **Página Inicial**. Disponível em: http://www.fundarte.rs.gov.br/. Acesso em: 05 de dez. 2023.

HUMMES, Júlia Maria (Org.). **Programas do curso básico da Fundarte**: Artes Visuais, Dança, Música, Teatro – (2019-2022). Montenegro: Editora da Fundarte, 2019. Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/ISBN9788561666170/article/view/755/pdf. Acesso em: 16 fev. 2021.

LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: Editora Som, 2012.

MACHADO, Glaé Corrêa. **Caminhos para a educação inclusiva**: a construção dos saberes necessários na formação e na experiência dos professores. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2020.

MERRIAM. Alan P. **The anthropology of music**. U.S.A.: North – West University Press, 1964.

MONTENEGRO (RS). **Lei Ordinária nº 7.040, de 20 de abril de 2023**. Disponível em: https://sapl.montenegro.rs.leg.br/ta/1908/text. Acesso em: 27 ago. 2023.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 23. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

MORIN, Edgar. **Conhecimento, ignorância, mistério**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

MORIN, Edgar. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015d.

MORIN, Edgar. **O método 4**: as ideias: habitat, vida, costumes, organização. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011a.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

Recebido em: 10/02/2025.
Aceito em: 02/04/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Bruno Felix da Costa Almeida
Doutor em Educação, junto à Linha de Pesquisa Educação e Artes (UFSM). Doutor em Educação, junto à Linha de Pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação (UNISC). Mestre em Educação, Especialista em Educação Musical e Licenciado em Música, pela UERGS. Especialista em Ensino de Arte (UNICID). Bacharel em Música – Habilitação em Piano (UNICSUL). Formado em Piano, pela Escola Municipal de Música – Departamento do Theatro Municipal de São Paulo. Professor Titular – Área de Música, da FUNDARTE. Líder do Grupo de Pesquisa da FUNDARTE (FUNDARTE/CNPq).
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5629-7833
E-mail: felix-bruno@hotmail.com

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE